

Paulo Celso dos Santos Moreira: “bagrinho” de grandes mestres

A cardiologia não existia ainda quando José Alvarenga Moreira começou a tratar dos corações, no Paraná. Quem lembra bem dessa época é filho, o também cardiologista Paulo Celso dos Santos Moreira que, em encontro com o ex-presidente da SBC, Rafael Leite Luna, em Salvador, 64º Congresso Brasileiro de Cardiologia, promoveu uma emotiva “hora da saudade”.

“Quando o eletrocardiograma chegou, na década de 40, começaram a dizer que quem não sabia ler um eletro, não podia tratar do coração, e foi então que a cardiologia começou como especialidade”, lembra Luna.

“E eram tão poucos cardiologistas que eu, garotão, lembro-me de um dos primeiros congressos: três ônibus levavam todos os cardiologistas e mais suas esposas, para o local do evento”, emenda Paulo Celso. “Não éramos mais que 60 no Brasil inteiro”, conta Luna, “uns seis em Curitiba; 10, um número grande, no Rio de Janeiro; e 12, uma enormidade, em São Paulo que tinha um recorde de cardiologistas”.

O congresso, realizado em um clube de Curitiba, foi tão pequeno que hoje qualquer departamento da SBC reúne mais gente do que naquela época. “Eram todos conhecidos: Dante Pazzanese, Cantidio de Moura Campos, Luis Venere Décourt, Reinaldo Chiaverine, Carvalho Azevedo, Gastão Pereira da Cunha, Arnaldo Moura e eu, fazendo o secundário, observando todos e tudo com respeito e encantamento”.

Peixe pequeno

Paulo foi aluno de Química do pai no Paraná. O pai não incentivou a cursar Medicina, garante, mas quando foi fazer vestibular alguma coisa aconteceu e Paulo diz que, quando se deu conta, tinha se inscrito para Medicina. “Acho que Freud explica”, diz, e talvez a filha, Fernanda, médica e psiquiatra, possa esclarecer a opção do pai e dela mesma.

Na faculdade de Medicina, Paulo teve novamente o pai como professor, que o tratou sempre como um aluno a mais e só se mostrou emocionado quando assistiu às primeiras apresentações do filho, em simpósios e congressos.

“Papai tinha estudado com Décourt”, relembra Paulo, “eu estudei também e quando Zerbini fez

o transplante do João Boiadeiro, a cardiologia ganhou prestígio e o InCor começou a sair do chão. Era uma época gostosa”, diz, “a Faculdade de Medicina de Marília estava começando e os professores tomavam o trem da Paulista, uma maravilha, e lá iam o professor Carneiro, o Betarello e outros mestres que precisavam de uns ‘bagrinhos’ para as aulas mais simples. E um desses ‘bagrinhos’ era eu”.

A vida ia tranquila em São Paulo, quando Paulo atendeu um empreiteiro enfartado, que tinha uma filha bonita, Stella Maria. “Nunca um paciente recebeu tanta atenção e tanta visita domiciliar e o casamento acabou acontecendo”. Já casado, Paulo foi convidado a ficar em Marília, dando aulas e clinicando, num quase deserto de cardiologistas, naquela época.

Em 1972, Marília tinha dois cardiologistas; em Assis, havia o Sinfrônio, 83 anos, cansado e que passava os pacientes para os mais novos. Paulo viajava até 180 quilômetros para ver um eletro ou atender uma fibrilação atrial. “Hoje é diferente”, confessa para o ex-presidente Luna, que lembra os tempos heróicos da cardiologia.

“Éramos tão poucos, o Brasil precisava tanto de nós. Homens, como o pai desse rapaz, é que foram os pioneiros da nossa profissão”. Ainda me lembro dele como médico militar, conclui Luna. O Exército pagava bem, era uma garantia de sobrevivência num tempo em que ser médico e cardiologista era um desafio que exigia muito amor e também coração. “Valeu a pena”, resume.

Paulo (à dir.) continua docente da Faculdade de Medicina de Marília, onde foi aluno do pai (à esq.). Na foto, os cardiologistas com as esposas e a filha de Paulo, também médica.

